

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1197	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	640	120	30 de Março de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados de seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	640	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	640	120		



DR. TEOFILO BRAGA
(Veja Cronica Occidental)



CRONICA OCCIDENTAL

Vae lindo o tempo neste país de sol, onde a olaia leguminosa já revestida de vermelho é a precursora da primavera florida.

O ceu bem azul, uma aragem branda bafeja a vegetação que desponta, pelo espaço infinito almanse aveshinas chilreando contentes, poisando aqui, além, nos braços erguidos das arvores, como em amplexos amoveis, beijando os tenros botões a desabrochar em flôr.

A natureza alegre se numa aleluia perene, as fontes manam mais brando e a agua é cristalina.

Depois da tempestade, a bonança; e neste torrão privilegiado, como é creadora a bonança, como tudo fertilisa aos beijos quentes do sol; como a vida se espreguiça, reanima no seu interminavel fadario.

E por este lindo tempo, numa tarde amena, rumorejante de canticos, de alegrias, foi consagrado o poeta da *Visão dos Tempos* e das *Tempestades sonoras*, o sabio e o filosofo, o investigador infatigavel da historia, no decurso de meio seculo de trabalho, Teófilo Braga, que a par de escrever a *Historia do Direito Português*, colige e estuda as tradições do povo no *Cancioneiro Popular*; reconstituindo o texto antiquado do *Cancioneiro Português da Vaticana*, entra nos estudos historicos sob o ponto de vista moderno e então escreve a *Historia da Literatura Portuguesa* e neste continuo labutar o seu espirito não se perturba nem o seu braço cansa.

Foi a este português que o povo de Lisboa prestou a sua generosa homenagem, em uma sessão solemne do Centro Escolar Republicano *Dr. Magalhães Lima*, que a promoveu, realisada na grande sala de espectaculos do Coliseu dos Recreios.

A sala cheia, num ondear de cabeças, pelos camarotes senhoras com suas *toilettes* multicores, deslumbram a vista, que mal se pôde fixar nas mais formosas; no *promenoir* os espectadores comprimem-se na ancia de vêr e ouvir o que se vae passar.

No palco estão os oradores, Magalhães Lima, Afonso Costa e Alexandre Braga.

Aberta a sessão pelo presidente do Centro, sr. Augusto de Figueiredo, este cede o logar ao sr. dr. Magalhães Lima. Os srs. drs. Afonso Costa e Rodrigo Rodrigues, descerram o retrato de Teófilo Braga coberto com a bandeira da Republica, e uma estrondosa salva de palmas quasi abafa a sonoridade das musicas que tocam o hino nacional, e de milhares de bocas soltam-se bravos de entusiasmo. E' toda uma orquestra estranha de sons que se confundem num fremito de comocões.

Magalhães Lima levanta a sua voz de tribuno e no seu verbo eloquente diz não se tratar ali de uma homenagem politica no estrito significado desta palavra. E' ao poeta, ao filosofo, ao pensador, que ali se rende preito.

«A politica de Teófilo Braga, diz o orador, tem sido a constante apoteose da nossa terra, deste nosso lindo Portugal, que ele ama enternecidamente, da nossa raça heroica e da humanidade, na sua marcha ascensional e luminosa para a luz, para a beleza, para a liberdade e para o progresso.

Ele é com effeito, a Consciencia ao serviço da Justiça, o Genio ao serviço da Verdade.»

Alexandre Braga diz «que para conhecer Teófilo Braga não é preciso tel-o visto por-

que ele anda disperso por toda a parte na sua obra, que é imensa. Ninguém lhe conhece a velhice se ela é fecunda genese da mocidade? Quem vê nele, nos seus olhos cansados essa velhice, se ele lá tem, se lá crepita e palpita o fogo da mocidade?»

Afonso Costa fecha com chave de ouro a serie de discursos nesta sessão memoravel. Nos topicos do seu discurso faz sobressair a exemplar dedicacão de Teófilo Braga pela Republica, e quanto esse exemplo devia aproveitar a todos os portugueses para a grande obra de liberdade que se está fazendo. «Teófilo Braga foi bem o primeiro presidente da Republica Portuguesa.»

«O seu nome, disse o bem Magalhães Lima, foi a garantia da Republica no estrangeiro que ganhou por ele a consagração de todo o mundo intelectual.»

Os aplausos que cobriram estes discursos, mostraram bem o entusiasmo de todo o auditorio que exaltava o poeta, o sabio, o filosofo seu compatriota.

Na historia antiga como na moderna os povos consagram os seus grandes homens que são o orgulho da sua nacionalidade, como da humanidade inteira.

Muitos anos não são ainda passados que a França consagrou em vida o seu poeta e filosofo Victor Hugo, o revolucionario do pensamento, o desterrado de Guernesey, o panfletario de *Châtiments*, o autor da *Notre Dame* e do *93*, o que escreveu na sua prosa rendilhada e vehemente os *Miseraveis*.

Victor Hugo foi o amante das crianças e da primavera, elas foram todo o seu encanto e enlevo ainda nos derradeiros anos da vida.

Pois tambem das crianças e da primavera teve agora as saudações o poeta, o sabio e o filosofo português do nosso tempo.

Do cortejo que o foi saudar na sua modesta casa da travessa de Santa Gertrudes, nada poderia sencibilisar mais o poeta do que as crianças das escolas que nele iam incorporadas.

Teófilo Braga recebeu-as no Jardim da Estrela, a dois passos da sua casa.

Naquele lindo dia por uma tarde de primavera entre as primeiras flôres surgindo dos canteiros e balouçando como turbulos a perfumarem o ar; por sobre a relva correm as crianças alegres, garrulas, desafiando o gorgoio dos passaritos, saltando, voando de tronco em tronco, e nestes acordes harmonicos da natureza, é saudado por milhares de vozes de cristal em bocas pequeninas, o Poeta, o Mestre, que as recebe comovido, vivendo mais, na intensidade de toda aquela vida que o cerca e o canta com a sincera emoção da innocencia.

Por bem pago se devia dar o Mestre de todo o trabalho e lutas que venceu para chegar áquella hora.

A geração de que ele faz parte glorificava-o em vida numa apoteose nacional; a geração que

desponta saudava-o como á luz que lhe iluminará o caminho do futuro.

CAETANO ALBERTO.



Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

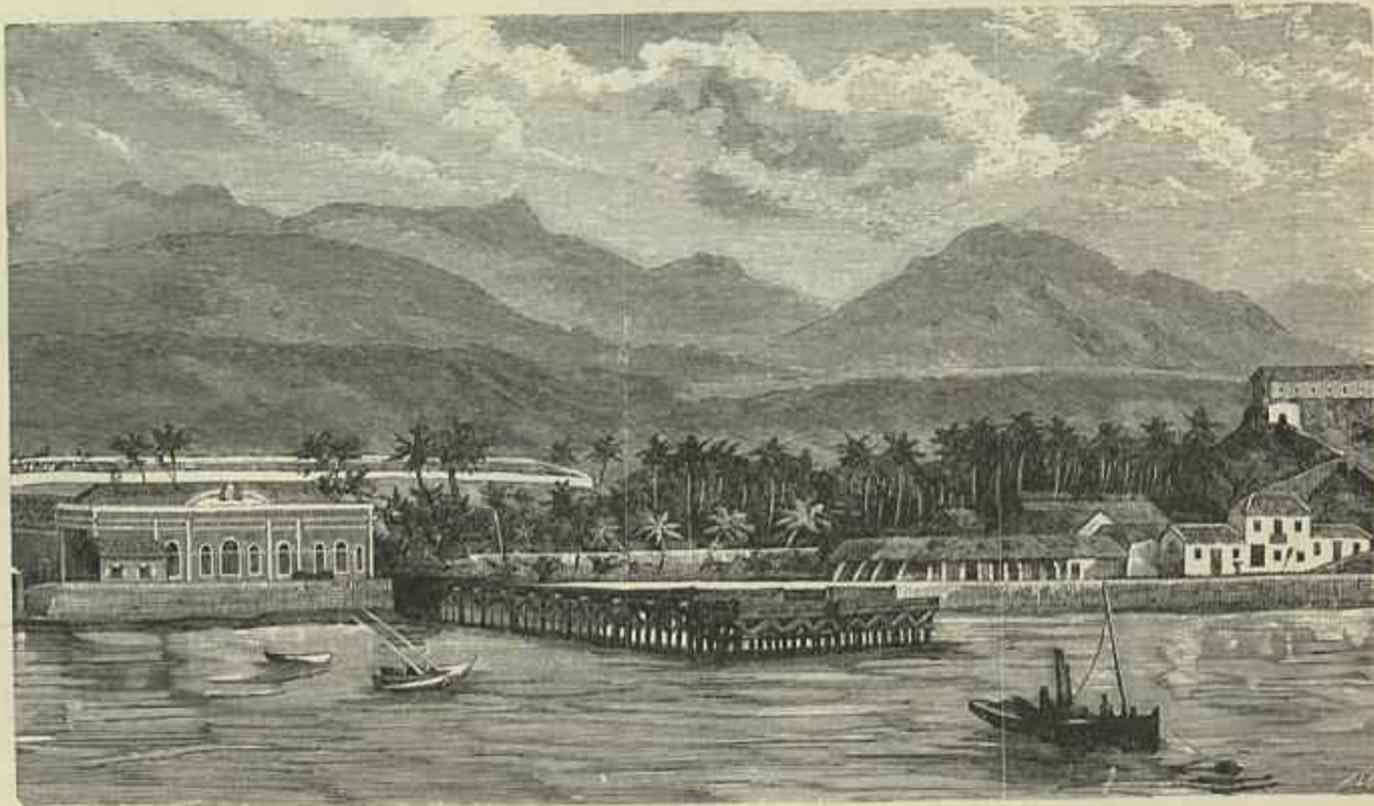
Da Praia (S. Thiago) á Madeira por S. Vicente

Fundeci no porto da Praia pelas 2 horas da tarde do dia 31 de março, tencionando partir no seguinte dia. Visitei o governador Marinha de Campos, que no dia seguinte me mandou agradecer pelo seu ajudante.

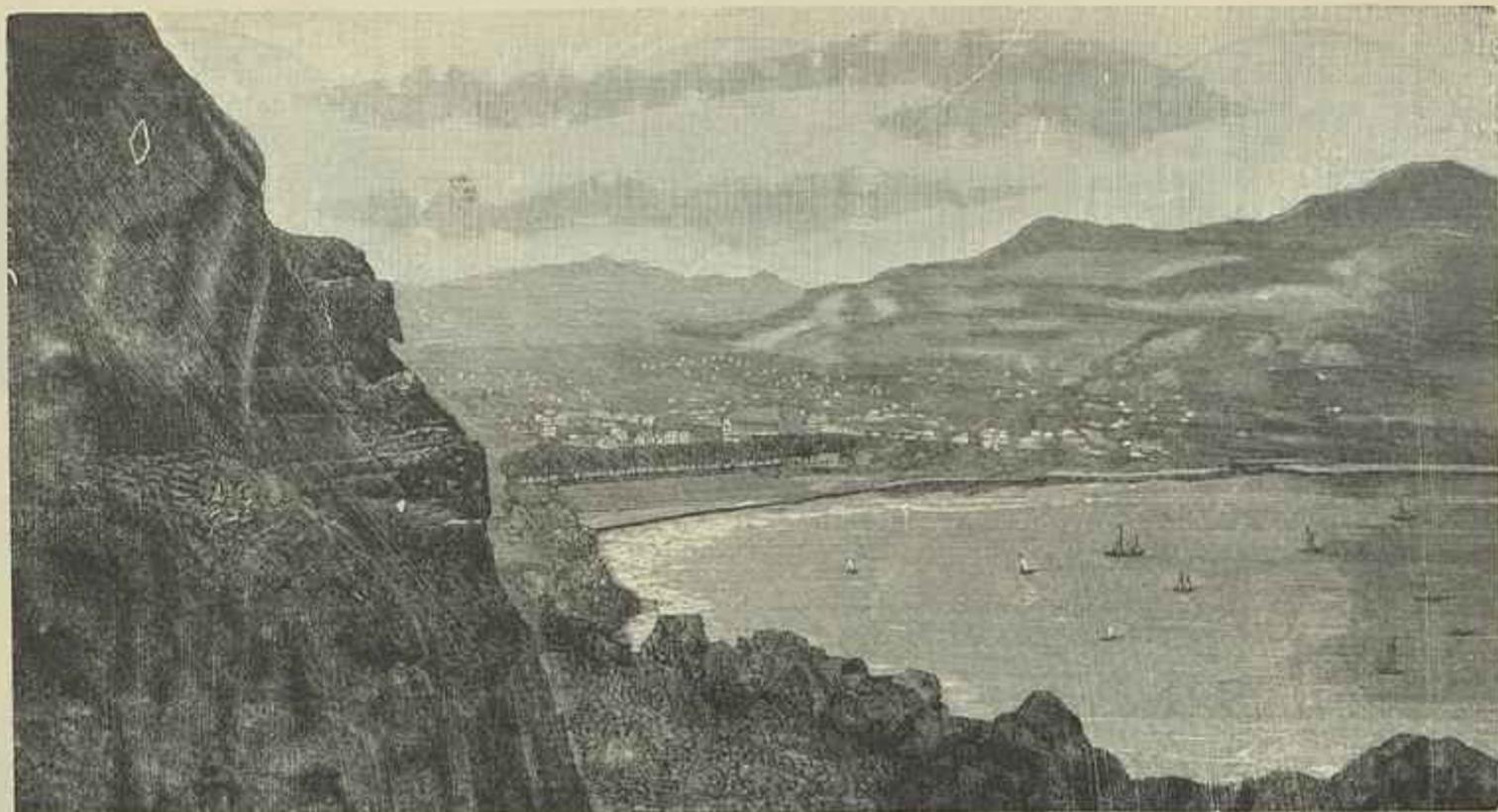
Na manhã do dia 1 de abril recebi o telegramma de v. ex.^a mandando-me «aguardar ordens», mandei apagar e proceder a uma limpeza necessaria nas caldeiras.

No dia 8 organisei uma regata de vela entre as seis embarcações do navio, Handicap, para a qual offereci um premio, vencendo a canoa. Almoçou a bordo o dr. W. J. Anson, naturalista inglez commissionado pelo British Museum de Londres para estudar as aves e os peixes de agua doce da Africa Occidental. Chegára da Guiné e ia partir para o Chiloango.

Offereci transportar as malas do correio e largámos para S. Vicente pelas 4 horas da tarde. Navegando com bom tempo avistámos a ilha de S. Vicente ao manhecer do dia 10 e fundeámos no porto pouco depois das 8 horas, occasião em que salvámos á terra. Vieram a bordo o commandante da canhoneira *Zambeze*, capitão tenente Ayalla, administrador do concelho Eduardo Lopes e commandante da policia, visitas que agradei. Mettemos 170 toneladas de carvão Fernalde fornecido pela Companhia de S. Vicente que tem contrato com o governo, ao preço de 30 shillings a tonelada f. o. b. Attestámos a aguada, recebemos 39 praças da *Zambeze* com o tempo de estação acabado e pelas 5,15 p. m. suspendemos e começámos a navegar em direcção á ilha da Madeira. Deixámos na *Zambeze* os dois ultimos guardas-marinhas dos 10 que distribuimos pelas diferentes estações navaes. Com bom tempo e vento NNE regular navegámos em direcção ao Funchal. Pela 1 hora p. m. do dia 13 estivemos em communicacão telegraphica com o paquete *Kenilworth Castle* que seguia para o Cabo, o qual nos informou ter tido bom tempo na Madeira. A's 9 horas da noite do dia 14, com



UMA VISTA DA CIDADE DA PRAIA



UMA VISTA DA ILHA DA MADEIRA

uma linda noite de luar, avistámos a ilha da Madeira, fundeando na bahia do Funchal pela meia noite.

Da Madeira a Lisboa

No dia 15 de abril, ás 8 horas da manhã, sálvamos á terra e pouco depois veiu a bordo o capitão do porto, capitão tenente A. Herculano da Cunha. Visitámos os governadores civil e militar, visitas que nos foram retribuidas.

Aproveitámos a nossa demora no Funchal para pintar o costado do navio que as embarcações do carvão em S. Vicente com o balanço muito tinham estragado.

No dia 17 fomos convidados para um baile na quinta do Pavão e pelas 9,30 do dia 18 suspendemos e com uma só caldeira começámos a navegar em direcção a Lisboa. Tivemos muito bom tempo, ventos bonancosos do NW, mas uma ondulação que, sendo pelo travez, fazia dar o navio muito balanço.

As 7 horas p. m. do dia 19 determinou-se a posição do navio por meio de rectas de altura da Polar, Procyon e de Venus. Pela mesma hora começámos a estar em comunicação telegráfica com o cruzador *Almirante Reis* e pedimos uma embarcação para amarrar á boia no dia seguinte ás 2 horas p. m. As 8,30 da manhã do dia 20 avistou-se a Serra de Cintra, demandámos a barra e entrámos no Tejo á 1 hora, amarrando á boia em frente do Arsenal pelas 2 horas da tarde.

Durante esta longa viagem de circumnavegação, que durou 16 mezes e 9 dias, percorremos 41:981 milhas (quasi duas voltas ao globo pelo equador) e fizemos escala por 72 portos, entrando em varios d'elles mais de uma vez.

Apezar de termos por vezes tido mau tempo e ter passado a 40 milhas do centro d'um tufão, no mar da China, nunca tivemos avaria importante, quer no casco quer na machina, e algumas pequenas avarias foram reparadas a bordo.

Não se deu obito algum a bordo, não houve doença alguma grave ou contagiosa, não houve qualquer desastre pessoal.

Nos portos, foi a guarnição alvo das maiores demonstrações de sympathia das colonias portuguezas e das auctoridades estrangeiras.

Em todas as colonias portuguezas prestámos serviços sempre de accordo com os respectivos governadores.

Finalmente, foi esta comprida e interessante viagem muito vantajosa para a instrucção profissional de todos os officiaes e praças de bordo.

Parte financeira

O custo total da viagem foi de 174:5568817 réis, isto é, uma media mensal de 10:7098000 réis.

Gastámos menos 23 contos do que em igual periodo este navio costuma gastar quando estacionado na costa oriental d'Africa.

A principal despeza foi em combustivel. Adquirimos 4:574,8 toneladas de carvão que importaram em 40:9058415 réis, ou seja em media 88941 réis. O carvão mais barato foi embarcado em Durban a 16/ a tonelada f. o. b. e o mais caro em Acapulco a 75/. Constituiu pois o combustivel 23,4% da despeza total. Nos diferentes portos gastámos 81:72 \$768 réis.

Estavamos auctorizados a gastar até 1:50080:0 réis em despezas de representação.

Gastámos 9508219 réis, ficando portanto a nosso favor um saldo de 5498781 réis.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata



Nucleo de Instrução «Lux»

— Ciência... eis a verdade! —

No intuito de propagar a instrucção entre as classes — proletarias — inaugurou se em maio do ano findo, sob o titulo acima, uma escola de funcionamento noturno para adultos e onde gratuitamente se lecciona: Primeiras letras, instrucção primaria 1.º e 2.º grau, portuguez, francês, inglês, matematica, desenho e noções de ciencias physico-naturaes.

O Nucleo de Instrução «Lux» primitivamente dirigido por todos os seus organisadores, tem actualmente a gerir lo os nossos incansaveis amigos Julio Augusto Agoas Junior, Jorge Alberto Noronha de Oliveira e José Joaquim Agoas, secundados valorosamente e com rara tenacidade, pelos srs. José da Costa Leal e Henrique Oliveira Mouta, os quaes formam com aqueles o corpo docente desta tão util instituição e a quem gostosamente fotografavamos e que apesar da fraqueza moral de alguns que preferiram trocar a sua alta missão de educadores pelo comodismo duma apática indiferença, tem conseguido triunfar de todos os obstaculos e das impotentes arremetidas dos fracos, retrogados e despeitados.

Não pôde o reacionarismo aniquilá-lo de começo quando, com duas aulas apenas e vinte e dois alunos, iniciou a sua obra instrutiva, pois, na segunda epoca escolar (a que decorre) fechou o Nucleo matriculas com 136 alunos, o que o forçou a ampliar as suas instalações, transferindo por tal motivo a sua sede para a rua Saraiva de Carvalho, 101, onde actualmente exerce a sua be-

nefica acção em pról das classes trabalhadoras até hoje imersas num lastimavel analfabetismo

Todavia, não teria alcançado tão rapido quão satisfatorio desenvolvimento, se não fóra o desinteressado auxilio e sincerissima coadjuvação da parte dos Excelentissimos Senhores Doutores Antonio de Sá e Oliveira, Alberto Ferreira Vidal e Acacio Guimarães respectivamente reitores dos liceus: Pedro Nunes, Passos Manoel e Camões, sr. Simões d'Almeida tio, dignissimo diretor da Academia de Belas Artes de Lisboa e da benemerita Academia de Estudos Livres, cedendo o material escolar, de fórma a possibilitar o bom funcionamento do Nucleo de Instrução «Lux».

Animados pela boa vontade e persistencia da parte dos professores, no cumprimento dum nobre devêr que voluntariamente se impozeram, os alunos, no intuito de secundarem os seus esforços, tiveram a simpatica iniciativa de fundar um a Caixa Escolar com o fim de promover visitas e excursões de estudo, conferencias scientificas e auxilio material á instituição, e de que são corpos gerentes os alunos srs. Pedro Alves Carneiro, Antonio Neu Paiva, João Antunes, Francisco Scheidecker, Antonio José Pereira e Manoel Dourado Ferreira.

Manteem numa modesta situação o Nucleo, as quotas de cerca de 200 subscritores que generosamente concorrem para tão altruista missão.

Prestando homenagem aos puros intuitos e belos fins desta colectividade, ousamos a aconselhá-la á protecção de todos aqueles, que vêem na instrucção um bem e na felicidade do seu semelhante a felicidade propria.



A «grève» carbonifera em Inglaterra

1

O movimento *grevista* actual na Inglaterra, o maior e mais bem organizado de quantos se têm produzido, é de natureza a dar que pensar a quem quer que se preocupe com a descoberta das leis que regem o mundo economico e social.

Desde o seculo xviii que os industriaes ingleses não poucas vezes se têm encontrado em cheque pelas exigencias e reclamações dos seus *employees* mas nunca, como agora, essas exigencias fóram de natureza a afectar tão profundamente a vida economica do mundo inteiro. O momento critico está passando e os desarranjos e transtornos ocasionados pela suspensão da produção de carvão passarão a ser duma curiosidade pouco mais do que meramente anedótica. Chefes das mais importantes casas commerciaes de *City* retirando á

Nucleo de Instrução "Lux"



JOSÉ JOAQUIM AGOAS
Membro da Direção



JULIO AUGUSTO AGOAS JUNIOR
Presidente da Direção



JOSÉ NORONHA D'OLIVEIRA
Membro da Direção



JOSÉ DA COSTA LEAL
Professor



HENRIQUE D'OLIVEIRA MOUTA
Professor



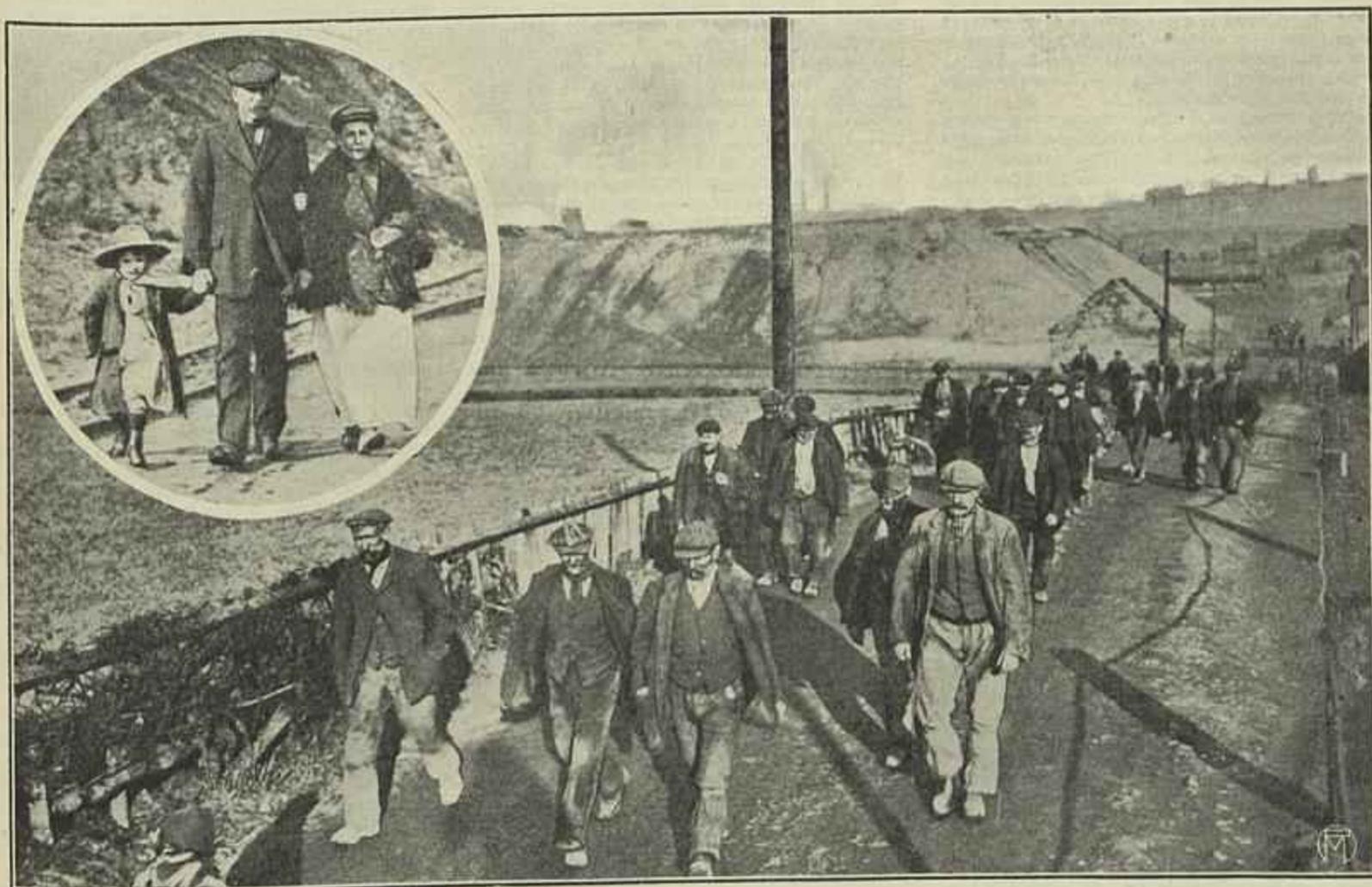
VISTA EXTERIOR DO EDIFÍCIO ONDE ESTÁ INSTALADO O NÚCLEO DE INSTRUÇÃO «LUX» — A AULA DE DESENHO

A "greve" carbonífera em Inglaterra



OS DESPREOCUPADOS DA «GREVE»

FILHAS DE MINEIROS EM PASSEIO



UMA FAMÍLIA DE MINEIRO AO DOMINGO — OS MINEIROS ABANDONANDO O TRABALHO DAS MINAS



DEPOIS DE UMA SEMANA DE TRABALHO

noite depois do trabalho dum dia intenso de negocio, abotoados nos seus impecaveis *morning-coats*, cobertos pelos brilhantes chapéus altos, amontoavam-se, numa promiscuidade desusada, com emporcalhados operarios nos proprios *fourgons* dos comboys tornados cada vez mais raros.

O *Evening News*, annunciando mais umas poucas de dezenas de milhares de operarios a quem a greve, faltando com o combustível, fazia parar as industrias e lançava no *chômage* era devorado igualmente pelo proletario e pelo gentleman, uns sentados nos bancos dos condutores de comboio, outros sobre malas e volumes de toda a especie com uma falta de conforto muito pouco britânica.

Em Londres aos carros que vão circulando é-lhes permitido augmentar a lotação e, apinhados, transportam os quasi 2.000.000 de individuos que todos os dias lutam de sua vida na imensa metropole.

De resto, toda a industria que de alguma forma utiliza o carvão teve de suspender ou reduzir consideravelmente a sua actividade. E' que a força motriz em duas semanas triplicou o seu preço e cada dia tem vindo agravando esta situação.

Nos distritos mineiros a vida apresenta então um aspecto muito peculiar.

Os mineiros que, em circunstancias normaes, só aos sabados á tarde e domingos aparecem passeando com as famílias dando a mão aos loiros *babies*, vêem-se agora numa ociosidade calma discutindo com grupos a marcha das negociações e as probabilidades de exito. Os mais novos vão se despreocupadamente entregando ao *foot-ball* e para esses, estas semanas de ar livre, este *holiday* extraordinario, dá lhes vida e força.

Para varias regiões, porém, e para grande numero de operarios, a greve representa a miseria e a fome. E' que se a maior parte dos mineiros pertencem ás modelares *trades unions*, grande numero existem que se não encontram sindicados não recebendo, portanto, os subsidios com que contava a grande massa do disciplinado exercito operario ao encetar a batalha. Assim é que em varias regiões, principalmente no Lancashire, em Sheffield, em Swansea, magotes de crianças famintas apelam para os comités de Educação, e num bairro de Merthyr, 500 pequenos sem pão só não pereceram pela pronta organização de cantinas onde se alimentam.

Na Escossia, nos distritos mineiros do Lankshire, ao saber-se do nenhum resultado dos entendimentos com os patrões, os mineiros excitados pelos irrequietos polacos praticaram alguns disturbios. Estas e poucas mais desordens, provocadas pelo descontentamento dos não-sindicados, fóram as unicas notas discorjantes, aliás inevitaveis, deste movimento modelo.

De resto, os operarios lutaram e estão lutando apenas com a força, que é imensa, do seu valor economico. E, como tal, esta greve, como em geral todas as greves inglesas desde o seculo xviii, tem um aspecto simpatico que não caracteriza, por exemplo, os movimentos analogos na Alemanha: não ha intuitos politicos. O operario luta pelo salário — é meramente uma questão economica. Nem por isso deixa de ser, ou antes por isso mesmo é que é, uma questão de resultados tão monumentaes que nem por ora se pôde bem calcular. O sindicalismo inglês, ao contrario do alemão, não tem em vista principalmente a injustiça fundamental do regime capitalista, o seu objetivo não tem sido *emancipar-se* e por isso mesmo é que, quem sabe, se mais depressa o não conseguirá?

A lei proposta ao parlamento no dia 19 pelo primeiro ministro mr. Asquith é de natureza provisoria. Não se pôde prever bem os seus efeitos. Estabelece-se o principio do salario minimo mas qual esse salario seja ficará para ser estabelecido por comités de operarios e patrões e quando em desacôrdo com a intervenção do Board of Trade. Estes comités funcionarão nas diferentes areas mineiras.

A lei não estabelecerá penalidades nem terá disposições coercitivas.

Os patrões afirmam ter a promessa do governo de que nenhuma coacção será sobre eles exercida. Ao mesmo tempo os mineiros desconfiam de Mr. Asquith e é curiosa a declaração feita por Mr. Robertson vice-presidente da federação dos mineiros escoceses que ha dias, em Hamilton, Lankshire, dizia: «os delegados dos mineiros fazem por não perder de vista Mr. Asquith, o homem mais perigoso com que têm de se defrontar neste momento. Nestas condições não é facil assegurar, qual seja ou se será duradouro, o resultado da intervenção do Estado na solução da contenda.

Ha ainda um ponto interessante e é que nume-

rosos *grévistas* conservam-se fieis á resolução tomada de não retomar o trabalho sem obterem satisfação ás exigencias apresentadas, embora estas os não interessem diretamente. Isto dá-se naquelas regiões e naquelas minas onde os salarios já eram superiores ao minimo agora exigido. E assim se explica que haja como ha muitissimos *grévistas* desejosos de retomar o trabalho.

Como quer porém que seja, o mundo acaba de presenciar, por parte do proletariado inglês, um movimento de solidariedade verdadeiramente assombroso. Quaesquer que tenham sido as intenções do sindicalismo na Inglaterra, a sua organização mostrou-se tal que julgamos não exagerar afirmando-o invencivel.

O operariado mostrou a sua força irresistivel; se não parar nas suas exigencias não está longe o tempo em que o capital terá a sua importancia reduzida ao minimo como categoria economica.

Por agora a *secousse* será por demais apreciavel. As profundas alterações que vae haver nos salarios de quasi todos os mineiros de Inglaterra terá provavelmente um efeito duplo — 1.º diminuição da taxa média do juro do capital; 2.º augmento dos preços dos produtos das industrias (que todos têm mais ou menos directa dependencia da carbonifera) e, consequentemente, depressão do valôr da moeda.

E' facil prevêr que estes resultados se não fãõ sentir sómente na Inglaterra, mas que todo o mundo sofrerá ou antes sentirá os efeitos da greve que até agora quasi exclusivamente se circunscreveu aos operarios da industria carbonifera do Reino Unido. Não cabe nos limites deste artigo desenvolver mais largas considerações de natureza puramente economica, tanto mais que faltam por ora elementos exactos e definitivos para induções mais minuciosas. A presente vitória do proletariado e a solida organização e disciplina de que deu provas neste movimento modelar de energia e cordura ao mesmo tempo, são de natureza a permitir futurar para muito breve graves modificações no regime burguês actual de relações entre capital e trabalho.

Portugal, que, pelo seu extremo atrazo, sem industrias e com uma actividade economica reduzida praticamente ao minimo, foi dos que menos sofrêram immediatamente com a greve actual (àquelle chose malheur est bon) ha-de sentir-lhe porém a repercussão.

As nações de mais desequilibrada balança de contractos, que tudo vão comprar ao estrangeiro e quasi nada lhe mandam, são exactamente as que mais sofrerão com a transformação que se esboça.

A. M.



Questões d'arte

Um artista esquecido, Johann-Rudolph Zumsteeg (1760-1802)

I

Para que possamos avaliar a grande importancia de Zumsteeg bastará pensar que foi um precursor do notavel Schubert. Quando folheamos as biographias de Schubert o nome de Zumsteeg apparece-nos sempre vagamente, caso extranho, pois por muito tempo Schubert foi eclipsado por Zumsteeg!

Analyzando a vida d'um e d'outro notaremos grandes pontos de contacto. Neste pequeno estudo que hoje encetamos, seguiremos um bello trabalho de Gaston Garraud, já traduzido d'um opusculo do dr. Ludwig Landshoff editado em Berlim em 1902.

Se na historia da arte existem nomes, aureolados pela chamma do genio, que nunca poderão ser apagados, é obrigação de todos nós fazer sahir das sombras do esquecimento todos aquelles que contribuíram um pouco para o engrandecimento da arte.

Os trabalhos de Landshoff e de Garraud são dignos de encomios pelo lado sympatico de representarem, para nós, uma reconstrução artistica d'um passado illustre, e não poderemos passar este facto em claro, pois em um meio musical tão atrasado como o nosso, tudo o que possa concorrer para o instruir, encontrará em nós verdadeiros propagandistas de quaesquer elementos que lhe possam desvendar uns horizontes artisti-

cos mais amplos do que aquelles a que está habituado.

As origens de Zumsteeg são mais cheias de aventuras que as de Schubert. Seu pae, Rudolph Zum-Steeg nascera catholico em 1726 em Laufensburgo, cantão actual de Argonia, na Suissa, que pertencia ao Imperio. Viajava como ferreiro quando cahiu nas mãos dos prussianos que o conduziram a berlím. Mais tarde, depois da derrota de Hochkirch, fugiu com um dos seus companheiros.

Passam-se tempos e Zum Steeg casou com Maria Elisabetha Hornung, seguindo-o em toda a sua campanha contra Frederico, e deu-lhe pela vida vagabunda dos campos, primeiro um filho Johann-Rudolph (10 de janeiro de 1760) em Sachrenflur, no Odenwald, e depois uma filha. Estas duas crianças seguiram durante a sua mocidade uma existencia nomada e soldadesca. Não se sabe ao certo quanto esta vida durou, sabe-se apenas que Zum-Steeg foi até á dignidade de *Oberwachtmeister*, e o seu leal serviço valeu-lhe ser lacaio do duque. Este tinha tanta confiança n'elle, que durante a sua estada no leito de agonia não quiz receber alimento nem tratamento senão pela sua mão. Steeg ao acompanhar o enterro de seu amo, em um dia frigidissimo, ficou doente, morrendo d'ahi a dois annos em 1795. Sua mulher morrêra no fim da guerra; então o pequeno Johann-Rudolph entrou no orphelinato militar que o duque Karl-Eugen acabára de fundar perto do seu castello da Solidão. E' a partir d'esta data que nós temos noticias mais seguras do futuro musico.

A fundação da *Solidão* ia-se transformar em breve sob o nome de *Hahe Karls Schule* em honra de Wintenbergue; o grande Schiller foi com effeito o condiscipulo e amigo de Zumsteeg. A vida d'esta escola desenvolveu muito o seu gosto musical.

O senhorio de Karl Eugen foi a mais bella epoca da historia artistica de Wurtembergue. A musica foi a arte favorita de Karl Eugen. Actores, cantores, dançarinos, musicos de França, Italia e Alemanha, fóram contractados carissimos. As viagens tambem favoreceram a mocidade do duque; em Paris, os seus vinte annos gozaram o espectáculo da corte de Luiz XV; em Italia conheceu Jomelli, pedindo-lhe para o seu theatro duas operas: *Catone in Utica* e *Fetonte*. O poder de Jomelli cada vez era maior, a sua musica era admirada, e organisou uma sua orchestra com os melhoes artistas como: Lolli o *Shakespeare do violino*, Nordini o *violinista de amor nascido do meio das Graças*, os violoncelistas Poli e Moltene.

Por toda a parte, caçadas, danças, fogos de artificio, concertos, operas, ceias ao ar livre, o duque gastava rios de dinheiro.

Jomelli era o menino bonito d'aquella gente, as suas operas eram recebidas com o maior grau de enthusiasmo. Em Ludwigsburgo Karl Eugen fizera construir a maior sala de opera da Alemanha; a scena era tão grande que a metade d'um regimento podia manobrar!

O duque fundando o orphelinato em 1770, não fez mais que seguir a ideia de juntar um nucleo de artistas estrangeiros, musicos, pintores, esculptores, que ali ficavam contractados.

Jomelli por causa da doenca de sua mulher já partira para Italia, mas deixara a sua enorme influencia artistica em Abeille, Eidenbenz, Schubart, Dieter e em Zumsteeg.

Esta especie de escola artistica habilmente dirigida pelo duque, em breve tempo teve quatrocentos alumnos. Os programmas fóram-se modificando pouco a pouco crescendo em pouco tempo o numero de aulas que abrangiam quasi todos os conhecimentos humanos.

Em 1773 o estabelecimento tomou o nome de *Herzogliche Militar Akademie*. Havendo separadamente um *Instituto de Musica e Mimica*, no qual o duque assistia ás aulas com infinito interesse.

(Continúa)

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

Nota — Dieter foi um violoncelista muito notavel em 1778 alcançou um 1.º premio de composição, por «uma symphonia escripta em 3 dias, sem o soccorro de nenhum instrumento.»



Dois elegantes conversavam em um baile, quando passou uma senhora escandalosamente decotada.

— Estás vendo aquela senhora? perguntou um deles.

— Quasi toda, respondeu o companheiro.

As ultimas perdizes

(Continuado do numero 1193)

IV

O dr. Gil recolheu a casa num pinto tendo adado exposto á chuva mais de cinco horas, áóra o tempo do comboio, em que a humidade mais lhe foi penetrando até os ossos.

A governante quando o viu entrar naquele estado, a pingar pela casa e tiritando, apressou-se carinhosa a socorrer o, dando-lhe um caldo a ferver, e, ao mesmo tempo que lhe ia tirando as botas e despindo o para o meter na cama, lamentava.

— Ora não ha uma coisa assim! Não valia a pena por muita caça que trouxesse, apanhar uma molha destas...

— Lá is...so...so va...va...li...a, interrompeu, tiritando e irado, o dr. Gil.

— Oh! senhor, com quaesquer doze vintens compram-se quantos coelhos ou perdizes quizer ali na Praça da Figueira...

E o dr. Gil exaltando-se e cada vez tiritando mais.

— Is...so...so é outra...tra coi...coi...sa, vo...vo...cê não sabe o que...que diz.

A governante, escandalizada com as ultimas palavras do doutor, retorquiu inofrida:

— O senhor é que parece não saber o que diz: a agua subiu-lhe á cabeça.

E nesta altura ella despia-lhe as ceroulas a escorrer, passando a esfregar-lhe os pés e as pernas com genebra.

— Então você pe...perde-me o res...pei...peito, mulher.

— Ainda vinha a tempo essa. A paciencia é que eu vou perdendo. Que desatino seria este de ir á caça hoje?!

E o dr. Gil, um pouco mais quente com a fricção de genebra e esquentado com a impertinencia da governante, por bem pouco que não saltou da cama em fralda de camisa e todo se formalizou.

— Eu não te...te...nho que lhe dar...dar sat...tis...tações se vou á ca...ça ou onde...de vou.

— Pois sim, mas eu é que pago as favas de o estar aqui a esfregar, que já não sei dos braços.

E despeitada, acrescentou:

— Olhe, quem lhe arranja destas e doutras que o esfregue.

O doutor já mais aconchegado no quente, concluiu:

— O Inacio, sim o Inacio, se não fôsse ele não tinha apanhado uma molha destas para afinal não caçar as perdizes.

— Ora o Inacio é que tem a culpa das doídices que o senhor faz e de nem caçar uma alvéola quanto mais perdizes...

O atrevimento era grande para que o doutor se contesse e, não obstante a governante lhe estar atando um lenço quente na cabeça para o fazer suar, ele revolvava-se debaixo dos cobertores, tentando levantar-se e impôr-se com todo o seu brio e autoridade. Mas com o puxar o calor principiaram-lhe a doer os ossos não o deixando ser senhor de si.

Entretanto vociferou.

— E' o Inacio já lhe disse. E para o que, mande-o já chamar para vir aqui...

— Não é preciso, se eu já sei...

— Você não sabe nada. O Inacio é um imbecil. Mande-o chamar já que mando eu.

E com tal imperativo o doutor o disse, que a governante entendeu prudente não o contrariar.

Não havia ainda uma hora que o Inacio recolhera a casa, acomodara os cães e cuidara de se pôr em enxuto, para ir tratar de uma nova commissão que o dr. Gil lhe incumbira, sem demoras.

Ao escrevente valia-lhe a sufficiente massa adiposa que lhe revestia a ossada para o preservar dos efeitos da humidade. Era uma natural cou-raça, impermeavel á agua, repelida pelas substancias gordas em constante supuração pela pele. Alguma vantagem ele havia de ter, coitado, sobre o doutor, que tanto o fazia suar.

Preparava-se, pois, para novamente sabir, quando sentiu baterem-lhe á porta, e um moço de esquina, lhe dava o recado do dr. Gil para que fôsse já, já a sua casa.

O Inacio ficou perplexo. Aquele recado fazia-lhe confusão. Não havia tempo para se desempenhar da incumbencia que o doutor lhe dera. Precisava despir-se, pôr-se em enxuto, ainda que fôsse para tornar a molhar-se. Sabia quanto o

doutor era impaciente, mas com franqueza ninguém faz milagres e muito menos ele os fazia em questões de pressa.

Teria o dr. Gil adoecido com a molha e precisaria tratamento pronto. Mas o escrevente não era medico e naquele caso o que se tornava preciso era um medico, que o proprio moço de esquina teria ido chamar.

E o pobre Inacio dava voltas ao miolo para atinar com o caso. Por fim pensou que o melhor, para evitar alguma nova reprimenda do dr. Gil, era não lhe apparecer sem levar, pelo menos, parte resolvida da commissão que lhe incumbira. Deste modo provava boa vontade e aplacava o temporal, acaso, preparado.

Assim vinha pensando o escrevente ao descer a calçada de Santo André, onde morava, e dirigindo-se para casa do advogado, á praça da Alegria. Até se tornava facil o desempenhar-se de parte da commissão; era só passar pela praça da Figueira comprar umas perdizes e o resto bem estava.

Eram perto de 8 horas, quando o Inacio, debaixo de chuva, percorria todos os logares da Praça, que estavam abertos, mas a respeito de perdizes nem meia. O pobre escrevente principiou a desanimar. Foi procurando em todas as mercearias da baixa, que vendiam caça, e nem uma perdiz sequer. Nesta peregrinação chegou até o mercado de S. Bento, onde os logares já estavam fechados, e ele sufficientemente encharcado.

Desalentou-se, desesperou-se. Como havia de dar conta da incumbencia. Que novas recriminações o esperavam se apparecesse ao dr. Gil sem as perdizes!

Trepou para a cidade alta, na esperanza de encontrar o que na baixa não conseguira, quando no largo do Calhariz, numa mercearia, quasi a fechar, se lhe depararam duas perdizes penduradas, á porta.

O Inacio precipitou-se com uma sofreguidão tal sobre o achado, que o caixeiro ia a deitar-lhe a mão como a um gatuno atrevido, gritando-lhe:

— Largue as perdizes.

— Isso é que eu não largo, respingou o Inacio, tendo as bem seguras na mão.

— Pois veremos se as larga, seu gatuno, e dizendo isto tirava da algibeira um apito, pronto a dar o alarme.

— Você chama me gatuno, insulta me, seu marçano de má morte; e o escrevente, vermelho, apoplectico, nunca largando a presa, atirava com duas meias corôas para cima do balcão.

— Veja se chega para pagar, seu miseravel, e, sem esperar demasias, sahia esbaforido, deixando o caixeiro pasmado daquelle freguês á ultima hora.

O Inacio estivera a ponto de se perder, mas a sua fleuma, vencera a afronta, e o maior cuidado agora era chegar á praça da Alegria, a casa do doutor, pois já batiam dez horas no relógio de S. Roque e a chuva continuava a cahir.

Para uma pressa, não havia nada mais ligeiro, mas a culpa era das perdizes, que não appareceram mais cedo, apostadas, quem sabe, em acabarem de fazer perder o Inacio no conceito do dr. Gil.

Este, por sua vez, carregado de cobertores, continuava a altercar com a governante, que não se calava com a loucura que ele praticara, pondq em risco a saúde e até a vida, quando se ouviram passos pesados no corredor e uma voz dizer a medo.

— Dá licença.

A governante, reconhecendo a fala, apressou-se.

— Entre, entre, sr. Inacio.

E o escrevente avançou tão fatigado que não podia articular palavra. Com a pressa não deixara á entrada o chapéu de chuva, que escorrendo, fazia regueiro pelo sobrado juntamente com as perdizes a pingarem tambem.

— Sente-se l. omem, sente-se, continuava a governante.

Mas o Inacio continuou avançando para o leito em que estava o dr. Gil e, tão comovido como receioso, inquiriu.

— Então é coisa de cuidado, sr. doutor.

Mas mal tinha articulado estas palavras, o advogado, num movimento brusco para se sentar na cama, dava um grito provocado por uma dor lombar e soltava uma praga impaciente.

— Eu não o mandei chamar para saber da minha saúde, mas sim para dizer deante de testemunhas quem é que tinha a culpa disto...

O Inacio, apesar de toda a sua fleuma, tremia.

— Sim diga quem é que tem a culpa...

— E' melhor não o contrariar, sr. Inacio, acudiu a governante.

E o escrevente, cada vez mais intrigado, titubando, arriscou alvarmente.

— Eu não sei...

Esta simples resposta acabou de exasperar o dr. Gil, que, lançando mão, conforme ponde, de um almofadão da cama, o arremessou sobre o Inacio, cahindo-lhe aos pés.

— Ah! já sei sr. doutor, acudiu o escrevente, tentando acalmar as iras do doutor a que estava afeito, já sei, quem teve a culpa, foi a chuva.

O dr. Gil, que tinha tão mau genio como bom coração, depressa reconheceu que se tinha excedido com o pobre escrevente e, um pouco acalmado, comentou.

— Ora que novidade, a chuva, mas as dôres que sentia pelo corpo não o deixaram continuar.

O Inacio, tomou algum alento, vendo o doutor mais calmo, ainda que gemendo, e, no desejo de concluir a missão, aventurou.

— A chuva, sr. doutor, não tem cessado e eu estou aqui como um pinto, para lhe arranjar as perdizes que trago...

Mas, o dr. Gil, dando um novo salto na cama ao ouvir falar nas perdizes, em que não tinha reparado, não deixou concluir o escrevente e intimou o.

— Cale se homem.

A governante observava desconfiada a scena, o que o dr. Gil já tinha percebido, e por isso ele mandara calar o Inacio, receando alguma indiscreção.

Entretanto a governante, picada de curiosidade, acudiu a animar o escrevente, a que falasse, completasse o que tinha a dizer, para se ir embora e não estar ali a secar no corpo o fato encharcado, que até podia adoeecer.

O Inacio, tambem era da mesma opinião, mas, hesitante, não sabia a quem obedecer.

— Diga, sr. Inacio, diga o que tem a dizer, para se ir embora.

— E' pouco o que tenho a dizer, minha senhora, só queria perguntar ao sr. doutor...

— O que é que você me quer perguntar, homem, atalhou o dr. Gil, num esforço de paciencia.

— E'...é...se o sr. doutor quer que ainda vá á rua das Amoreiras levar as perdizes e a carta.

— Eu quero que o leve o diabo, seu imbecil, vociferou irado o dr. Gil atirando com outro almofadão ao escrevente, que já o não alcançou, pois este fugira pela porta fóra aterrorizado.

E o advogado, de joelhos sobre a cama, num gesto de inflamada declamação, braços para o ar, como no tribunal defendendo os clientes, viu partir o Inacio em precipitada fuga, enquanto a governante, espevitada, ironica, chacoteava.

— Ainda quer que o esfregue, sr. doutor?

(Continúa.)

CAETANO ALBERTO.



O Palco, Revista Teatral. Director E. Nascimento Correia. Editor E. da Cunha e Sá, Lisboa. Sabiu o n.º 5 desta nova revista, de que já se deu desenvolvida noticia, nesta secção, quanto appareceu o seu primeiro numero. O agora publicado, apresenta entre outras gravuras de assumtos teatraes e retratos, um belo retrato de Palmira Bastos.

Um filho do povo, romance de costumes por E. Perez Escrich, tradução de Henrique Marques Junior.

Em Portugal, tanto como em Espanha, Escrich é conhecidissimo. Um dos seus melhores romances de costumes é *Um filho do povo*. São amores simples dum camponex, começados n'uma noite de maio, «esse mez de flôres, das madrugadas poeticas, dos crepusculos de ouro, das andorinhas, das codornizes, dos pardaes, das raparigas bonitas e dos sonhos côr de rosa».

Mas, como o *amor é como o dinheiro: ha falso e de lei*, o amor do camponex fahou quando chamado para combater, em 1808, as aguias napoleonicas.

O capitulo VI, ácerca dos dias 16 e 19 de julho de 1808, torna o romance historico.

Livro anti militarista por excellencia, nota-se no percorrer das paginas, que foi escrito nessa Espanha fradesca e fanfarroneira do seculo XIX, até um dos personagens diz: — «Para o salvar matei tres francezotes para arranjar agua matarei uma duzia de se tanto fôr preciso.»

A tradução do nosso amigo e colaborador Henrique Marques Junior é cuidada, e tão cuidada é que não exprobanda essa fanfarro-

Uma grande catastrophe no Porto

necesita o leitor tem um romance de costumes, histórico, sentimental, e... úmórico, n'uma edição baratíssima dos livreiros Guimarães & C., a quem, bem como ao tradutor agradecemos a gentileza do exemplar oferecido.

Nós.

Uma grande catastrophe no Porto

Não bastam os cataclismos da natureza, na constante evolução dos seus elementos, que ora criam, ora destroem, para continuarem a criar, no transformismo da matéria, que tem as suas leis imutáveis, muitas delas que escapam á preceção da inteligência humana.

O homem, como a natureza, também tem o seu constante labutar no descobrimento dos mil segredos que a natureza lhe apresenta, e estuda, e causasse, num trabalho, de observação de experiência, para encontrar o aproveitamento de forças dispersas, no intento, que o ajudem, que melhorem as suas condições de vida, numa constante aspiração de progresso.

E' este o trabalho da ciência, que no decorrer dos tempos tantos benefícios tem trazido á humanidade.

Do bom ou mau aproveitamento desses benefícios depende a felicidade ou a desgraça que tanta vez resulta, quando a fatalidade ou ignorância a provoca, como agora aconteceu.

Triste é ter de registrar nesta revista a grande catastrophe ocorrida na cidade do Porto, em a tarde de 19 do corrente, que encheu de espanto e de luto a laboriosa capital do norte, ainda mal tranquila e resignada de outra catastrophe ali ocorrida em dezembro do anno passado, qual foi o descarrilamento do comboio de carros electricos que se despeñou sobre o rio, em que pereceram tantas vitimas. Pois agora foi uma explosão em uma loja de barbeiro da rua de Miragaia, onde se estavam fabricando bombas explosivas, e que não só destruiu o prédio de que fazia parte aquella loja, mas mais tres prédios contiguos, arruinando ainda outras propriedades vizinhas, enterrando nas ruínas mais de vinte pessoas, das quaes se retiraram treze mortas e as restantes feridas.

E' horroroso ler o relato que os jornaes publicam desta catastrophe, e que os correspondentes enviam para a imprensa de Lisboa.

As cenas angustiosas, horríveis que se passaram na pesquisa das vitimas soterradas nos escombros, donde muitas foram tiradas já cadáveres e outras cruelmente feridas, mu-



AS CASAS DESTRUIDAS PELA EXPLOÇÃO NA RUA DE MIRAGAIA — AS AUTORIDADES DIRIGINDO A REMOÇÃO DOS ENTULHOS, NA PESQUISA DAS VITIMAS SUBTERRADAS
(Cliches C. Pereira Cardoso)

tiladas, além de fragmentos dispersos de corpos humanos.

Algumas das vitimas retiradas com vida tiveram horas de doloroso sofrimento, entaladas entre as ruínas, sem se poderem mover e a sentirem faltar-lhes a vida, numa tortura impiedosa, que o coração e a alma se confrangem só em imaginal-o.

Não menos confrange o saber-se que toda esta enorme desgraça, triste e inutilmente lamentada, teve por causa um principio condenavel como o do fabrico de bombas explosivas, que se não houvessem rebentado ali, estavam reservadas a exercer a sua acção destruidora em qualquer occasião oportuna que os seus autores entendessem!

Que horrendo crime!

Conforme o que se acha averiguado sobre o caso, o dono da loja onde se deu a explosão, Adelino da Costa Leal, é um dos mortos encontrados sob os escombros. Um seu irmão de nome Alberto da Costa Leal, enfermeiro e que acudiu ao local do sinistro pouco depois de ocorrido, foi preso, declarando saber que em casa do Adelino se fabricavam efetivamente bombas explosivas.

Uma das vitimas que sobreviveu, ainda que ferida, o sapateiro Manuel Filipe Monteiro, contou no hospital, como se deu a explosão:

«Estava lá dentro a amassar areia para o fabrico de bombas explosivas, encontrando-se também na casa vários amigos e tratava-se de verificar o tempo que demorava o rastilho, applicando-o a uma bomba vazia. Havia, porém, já fabricadas muitas bombas, e imprudentemente, alguém trocou as vazias pelas carregadas, por fórma que o rastilho foi applicado a uma destas, dando-se então a pavorosa explosão.

«Vendo-se cahido, tratou de se pôr a salvo. Nesse momento rebentou segunda explosão, mais violenta, que supõe fosse das outras bombas. Dos amigos que lá estavam apenas sabia ter-se salvo um guarda-freio da Companhia Carris, de nome Adriano, que a esse tempo estava a calçar as botas e que só teve tempo de calçar uma delas.»

As gravuras que reproduzimos de fotografias enviadas pelo nosso solicito correspondente artistico, sr. Pereira Cardoso, mostram os prédios destruidos pela explosão, na rua de Miragaia, com os n.ºs 20 a 24, havendo o dos n.ºs 18 e 19 que sofreu pequenos prejuizos; e os trabalhos de desentulho e pesquisa das vitimas, a que presidem as autoridades.

Das familias que ficaram sem habitação e sem seus haveres, encontram-se 22 pessoas na miseria, á mercê dos socorros que a autoridade e particulares lhe possam dar.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

CONTRA
A TOSSE

MARQUE PEITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Premiado com Medallas d'Ouro em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. Pedro Franco & C., Lisboa.

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis

Cada lata " " " " 240 "

A' venda em todas as pharmacias